

NOTAS SOBRE SOCIEDADES METROPOLITANAS NA ERA GLOBAL*

Nosso intuito é lançar para discussão hipóteses sobre a ordem social vigente nas áreas metropolitanas hoje. Estamos refletindo sobre um território peculiar em várias de suas dimensões: tamanho populacional, diversidade de atividades econômicas, complexidade das relações sociais, culturas diversificadas que coexistem muitas vezes de forma tensa e, sobretudo sobre a permanente possibilidade do aparecimento de novas modalidades de existência social. Partimos da premissa que na metrópole, território do individualismo, é onde a racionalização do mundo atinge seu grau mais avançado, onde a tradição cede lugar ao cálculo interessado.

I

Os estudos sociológicos sobre a cidade estão nesse começo de milênio desafiados a aprofundar as reflexões sobre a metropolização das sociedades urbanas. Ao mesmo tempo, para um sociólogo, falar em metrópoles hoje resume praticamente o ofício, pois somos uma sociedade à dominante urbana e, cada vez mais, metropolitana. Em outras palavras, a questão urbana hoje resume o essencial do que se conhece como sociedade, e onde está o melhor cenário para se fazer sociologia.

Fenômeno planetário, as áreas metropolitanas são o lugar de recepção e de origem de processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais que necessitam ainda de largos estudos que aprofundem o impacto da aglomeração sobre a mentalidade de indivíduos e grupos. São fenômenos que se tornam objetos visíveis, fatos sociais em si, síntese do processo social na medida em que sintetizam um enorme conjunto de fatos, todos, em si mesmo bastante complexos. Poderíamos considerar a definição maussiana de *fato social total* como a mais adequada para definir a complexidade das metrópoles contemporâneas. Diz ele, se referindo às sociedades primitivas, mas que são perfeitamente adaptáveis às metrópoles neste século XXI: “*existe aí um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles tudo se mistura...Nesses fenômenos sociais ‘totais’ exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas, políticas, econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição – sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam*” (Mauss, 2003, 187). O geógrafo e historiador Marcel Roncayolo (2000) em entrevista à Revista “Ville.com”, indagado sobre a noção de metropole, diz que “*a palavra metrópole tende a evocar ao mesmo tempo uma hierarquia funcional, um enquadramento territorial e uma organização urbana de um novo tipo, englobando*

as cidades, seus subúrbios e a periurbanização". Mais adiante ele irá considerar que a cidade (metrópoles) é um território que organiza territórios, o que pode significar que os países estão em vias de mais ou menos avançada metropolização.

Pois bem, as áreas metropolitanas podem ser olhadas como a síntese das sociedades contemporâneas no que elas têm tanto de moderno como de arcaico no sentido em que guardam uma profunda heterogeneidade nos processos sociais que nelas ocorrem. Além de significativa concentração populacional, consituem verdadeiro locus do poder econômico especialmente na sua esfera decisória, além das demais formas de poder que encontra no território metropolitano o ambiente para se manifestar e se expandir. Talvez não fosse redundante lembrar que as mudanças sociais e culturais que ocorrem nos tempos atuais têm, muitas delas, origem nos espaços metropolitanos, em parte pela elevada densidade populacional aí presente. Se retomarmos Durkheim (1977) veremos que a densidade populacional induz a uma mais complexa divisão social do trabalho e a uma maior densidade moral.¹. Esta elevada concentração territorial da capacidade de gerar riquezas é um dos requisitos para a concretização da globalização econômica; esse ambiente complexo resulta de permanentes interações entre numerosos fatores, os mais recentes guardando proximidade com a progressiva divisão social/internacional do trabalho, ou mesmo mudanças nos modelos de consumo. O individualismo, garantido pela generalização cada vez mais abrangente das trocas monetárias, encontra sua base de existência também na ampliação e diversificação das possibilidades dadas pela diversidade social e cultural, que têm no ambiente heterogêneo das metrópoles o seu território privilegiado.

Além do mais, quando falamos em metropolização estamos nos referindo a um fenômeno universal, atingindo sociedades em diferentes estágios de desenvolvimento, sendo importante entender a sua materialização, suas realidades múltiplas, intimamente ligadas à produção do conhecimento e da informação. Mais do que abranger países a globalização² procura conquistar mercados, difundindo padrões de consumo de bens materiais e imateriais cuja dinâmica vai encontrar suas fontes nas revoluções econômicas, técnicas e culturais que vêm transformando as sociedades nestas últimas décadas. Sua dinâmica de reprodução e expansão atua sobre as diferentes ordens da sociedade, cada uma delas pautadas por padrões de medida próprios: na ordem econômica é a renda que irá determinar as classes sociais, na ordem social, o *status* irá identificar os grupos de prestígio e na ordem política, relativa à luta pelo poder sempre tratados como valores em busca de hegemonia (Weber, 1974).

Embora intimamente imbricadas entre si, as diferentes esferas da sociedade gozam de autonomia relativa o que torna possível analisar as especificidades de cada

uma. Nossa reflexão pretende lançar para discussão algumas hipóteses sobre a *ordem social* vigente em áreas metropolitanas na globalização.

II

Na metrópole é onde a racionalização do mundo atinge seu grau mais avançado, onde a tradição cede lugar ao cálculo interessado, que gera formas originais de interação social. A sociologia é fecunda na discussão dessas modalidades de interação; trata-se de uma dinâmica que já havia sido percebida por Simmel (1979) no início do século XX quando refletia sobre o impacto das metrópoles - um ambiente propício à remodelagem dos padrões de interação - na vida mental individual.

A fim de precisar um pouco mais esses argumentos vale à pena recuperar Weber e suas reflexões sobre as atividades individuais racionais, orientadas com vistas a fins. Para o autor, a racionalidade consiste na procura de meios eficazes, na previsão do comportamento do outro, no cálculo para alcançar o fim almejado. A metrópole permite potencialmente construir uma moldura e um modo de vida adaptado às aspirações e projetos de cada um, a partir das capacidades individuais de selecionar, entre as possibilidades existentes, aquelas mais convenientes.

O indivíduo metropolitano se vê em um contexto de múltiplas possibilidades, diversificando as alternativas de racionalidade. Essas múltiplas alternativas, em contexto com hierarquias extremas (riqueza e pobreza), produzem sistemas classificatórios também múltiplos onde a mudança e o novo viram rotinas. Não restam dúvidas de que em tal contexto as lógicas do prestígio social entre as diferentes classes sociais são plurais: manifestam-se através de sistemas classificatórios que legitimam aquilo que é ou não valorizado numa certa estrutura de posições na sociedade. Podemos mesmo afirmar que a metrópole é o território, por excelência, do “homem plural” com suas identidades múltiplas, típico da contemporaneidade³. Portanto, alguns recortes se fazem necessários.

Já há algum tempo, Sassia Sasken escreveu sua obra seminal “The Global Cities” (1991), que consolida uma série de reflexões das quais retomaremos algumas ao longo do presente texto. Como exceção entre nós o exemplo mais próximo de uma reflexão similar poderia se encontrar nos trabalhos de Milton Santos. Priorizaremos a análise de Sasken pois suas considerações sobre a lógica sistêmica nos ajuda recuperar a lógica de uma dinâmica que, aparentemente óbvia, encontrava-se velada, ou seja: se na cultura antiga a cidade era o centro dos processos culturais, a decadência daquela cultura veio de par com a decadência da vida urbana, da mesma forma que a civilização moderna vem à tona após séculos de retomada do papel da cidade nas lógicas maiores das sociedades humanas. Weber(1997) procura mostrar

como a cultura antiga decai em conseqüência de uma lenta erosão de suas bases que são sociais no sentido amplo do termo, priorizando a análise sobre processos econômicos e políticos e suas conseqüências na desagregação das instituições básicas do mundo antigo: as cidades, o trabalho escravo e o comércio exterior costeiro. Em outras palavras, historicamente se constata que a aglomeração de pessoas no território produz uma densidade social suficientemente forte para contribuir para evolução e mudança; a sua dispersão, leva ao inverso⁴.

Retomando os comentários de Cohn (op.cit.) vemos que a análise comparativa entre os traços de um período e traços encontrados em outros na análise weberiana vemos que entre a cidade antiga e a cidade medieval há características semelhantes. Entretanto, uma análise mais ampla e vendo cada modelo de cidade no seu contexto histórico particular se constata diferenças cruciais entre ambos tipos: a cidade antiga é uma instituição basicamente política, ao passo que a cidade medieval é fundamentalmente econômica. Comparativamente deve-se procurar não o que há de comum entre ambas, ou mesmo em diferentes configurações históricas, mas evidenciar o que há de peculiar a cada uma delas. De fato, as cidades globais hoje sintetizam um fenômeno que, de forma ambivalente, atualiza largas tendências históricas⁵. Ou há dúvidas de que Atenas e Esparta, ou Roma, Veneza e Amsterdã tiveram, em épocas distintas, papéis relativamente similares aos exercidos por Tóquio, Londres e Nova York nos tempos atuais? Se há semelhanças de funções, há também peculiaridades entre as metrópoles nas diferentes fases históricas e são justamente essas que necessitariam ser trabalhadas analiticamente.

Sasken, em entrevista recente publicada pela revista "Ciência Hoje"⁶, considera 25 cidades globais, entre as quais inclui São Paulo. Diferencia a "cidade global" do que denomina de "cidade mundo", para se referir à Roma e Veneza em períodos históricos anteriores⁷. Polêmicas à parte, a questão é saber se as funções exercidas por essas metrópoles contemporâneas tem algo de original em relação às desempenhadas por aquelas cidades, mesmo considerando que a dimensão dos fenômenos hoje é outra, o que nos obriga ao trabalho com novas e variadas escalas.

A questão é complexa a ponto de Meyer (2006; 39) destacar a "cidade difusa" para refletir como o urbanismo contemporâneo descola-se da idéia de 'projeto total', isto é, de um projeto que abarque toda a cidade, tão caro aos urbanistas do início do século XX que trabalhavam com as premissas do Movimento Moderno. Afirma que hoje, "diante das imensas manchas urbanas nas quais a cidade se esconde, tais premissas mostraram-se tão insuficientes que buscar novos parâmetros tornou-se essencial para a sobrevivência da própria disciplina". Essa redefinição do próprio objeto do urbanismo alcança também o espaço social, fazendo com que sejam necessárias novas variáveis na explicação dos processos sociais. Novas práticas

sociais aparecem, redefinindo agentes e posições sociais nas metrópoles. Ao mesmo tempo, a própria noção de cidade global não deixa dúvida de que os limites físicos não são mais suficientes para demarcar e compreender a lógica social e econômica das metrópoles contemporâneas. A revolução tecnológica e a sociedade da informação do século XXI de fato agregam novos elementos nas análises dos papéis exercidos pelas grandes cidades. Mas, mesmo assim, tampouco seria errôneo considerar que neste início de milênio, consolida-se definitivamente um processo que, em escala distinta, estava presente em eras anteriores, em uma dinâmica onde historicamente à universalização do comércio, seguiu-se a universalização da produção e, agora, a do consumo.

Devemos, entretanto, ficar atentos para não derivar do poder de sociedades nacionais em particular, seu domínio tecnológico, econômico ou mesmo bélico, para compreender a lógica da globalização e, particularmente, a sua lógica urbana. Temos claro que a problemática da globalização ainda se encontra em processo de equacionamento empírico e que sua dinâmica não pode ser explicada simplesmente pela utilização das reflexões antes dirigidas à escala nacional. Não se trata, aqui, de propor a comparação entre os papéis exercidos pelas cidades em diferentes épocas; mas, sim, de insistir, junto com Sasken, que as metrópoles se impõem pelas suas relações exteriores mais do que apenas pela definição de sua área direta ou imediata de influência. As novas formas de comunicação, e as suas constantes, têm redefinido as noções de tempo e espaço, afetando a noção de território nacional e a sua capacidade de influência política. A ágil desterritorialização da produção e da gestão do sistema cria um terceiro espaço, onde circulam, através de redes técnicas, as operações financeiras globais, que apoiam a conexão dos territórios metropolitanos.

As principais cidades globais desempenham papéis diversos, porém complementares: Tóquio com inovações tecnológicas, Londres concentrando as operações financeiras e Nova York especializando-se na gestão de serviços inovadores. O que está implícito na lógica territorial analisada por Sasken é que os agentes econômicos e os da sociedade civil podem também se desterritorializar. Forma-se assim, como afirma a autora, a face social da globalização, composta por indivíduos que circulam pelo planeta (real e/ou virtualmente), descolados da base físico/territorial e com estilos de vida similares. O estilo de vida de certas camadas sociais se homogeneiza em um leque de alternativas de consumo, que vai desde os gadgets tecnológicos, passando pela arte, moda, lazer, etc. Vive-se a realidade do *no men's land* no sentido de que todos os lugares são "lugar nenhum", pois a similaridade de estilos desterritorializa, ao mesmo tempo em que aproxima e torna familiar o estrangeiro⁸.

Halbwachs, já nos anos de 1930, explicava que as "muito grandes cidades" (sic) funcionam como "os centros nervosos superiores do organismo"⁹. De fato,

desempenhando o papel de centros nervosos do sistema global, algumas metrópoles hoje se encarregam da geração, difusão e gestão tanto de tecnologias, como de padrões e estilos de vida modernos, com elevado potencial para ditar o *bom-gosto*, e o que deve ou não ser valorizado ou consumido. O efeito imediato deste processo – cada vez mais perceptível em função da difusão das redes eletrônicas de comunicação – é a equalização da produção, do consumo e da gestão das práticas sociais.

É interessante observar como esse fenômeno se manifesta. Por exemplo, nas constantes inovações tecnológicas que rapidamente se espalham pelo planeta, mas que dão sempre a sensação de novidade, de originalidade àquele que imediatamente os acessa, ou na moda e no vestuário que incessantemente lança novas tendências etc¹⁰. Assim, apesar do discurso da “personalização” manifesto no uso de grifes exclusivas, acessíveis a uma parcela específica de consumidores, o que se tem é uma lógica de diferenciação do mesmo, criando a identificação de grupos pelo consumo desses bens exclusivos. O seu território, por excelência, é o espaço metropolitano, vitrine e lugar de irradiação do novo, do contemporâneo. De certa forma, a metrópole desempenha o papel estratégico de *nomear* e *legitimar* o essencial da modernidade. O entendimento dos conteúdos culturais e técnicos deste papel estratégico, em nosso tempo, poderia ser plenamente compreendido caso nos dispuséssemos a decodificar o cotidiano, a sua dimensão intrametropolitana. Essa tarefa pertinente às ciências sociais ainda está em curso: significa, de fato, decodificar a relação espaço/sociedade em contextos com elevada densidade populacional e importante papel econômico e cultural como são os espaços metropolitanos. Radicalizando a idéia de *urbanismo como modo de vida* tão cara aos teóricos da Escola de Chicago o espaço social denso, heterogêneo e permanente das metrópoles contribui para desenvolver um peculiar modo de vida urbana¹¹.

III

A sociologia nos ensina que as aglomerações urbanas, pelas suas próprias características, constituem áreas onde as interações sociais redefinem-se a partir das múltiplas possibilidades do “estar próximo”. Temos nelas um cotidiano peculiar que, pela natureza dos vínculos sociais, cria ambientes de atração e repulsa entre os moradores e usuários de seu território, gerando as denominadas “zonas morais” em nossas cidades (Park, 1979): de fato, seria praticamente impossível estabelecer laços com todos os indivíduos com os quais cruzamos no dia-a-dia de uma grande cidade. Gera-se, a partir daí, a necessidade de selecionarmos nossas relações entre as mais intensas e as menos intensas. Esta seleção tende a aparecer-nos como absolutamente *natural*; porém, trata-se da condição mesma de equilíbrio

psíquico para o indivíduo urbano, submetido a estímulos nervosos de toda ordem, como nos ensina Simmel¹², numa lógica onde as classes sociais tendem a assumir o caráter de grupos culturais, formando novas paisagens sociais que modificam e conectam os pontos de partida e de chegada.

O mecanismo através do qual essa seleção se faz é em grande parte construído e institucionalizado pela moeda, que regula uma boa parcela de nossas interações. Condição necessária para a vida nas cidades, sua utilização permite-nos manter a atitude de reserva, na medida em que a troca monetária é baseada na equivalência dos bens trocados. Como nos alerta Park (op.cit., 37): *sendo o poder de troca o que dá ocasião à divisão do trabalho, a extensão dessa divisão deve estar sempre limitada pela extensão daquele poder ou, em outras palavras, pela extensão do mercado...*". Nessa intensa especialização que a divisão social do trabalho induz nas metrópoles cria-se o ambiente propício para a atitude de reserva, tão cara a Simmel, uma das características essenciais do indivíduo metropolitano.

Entretanto, apesar de estarmos envolvidos numa cultura onde o valor das coisas se mede pelo seu preço, sabemos que há dimensões na vida onde os bens trocados não se fazem via moeda ou mesmo não se fazem pelo cálculo de equivalentes. Relações familiares, afetivas, de amizade, de solidariedade e mesmo conflituosas reproduzem-se permanentemente, em ambientes de trabalho, na vizinhança, além de outros, por mais que estejamos mergulhados no individualismo crônico e calculista que caracteriza o ambiente metropolitano. Desta forma, é plausível considerar que as interações sociais, guiadas por critérios de ordens diversas, não são totalmente dependentes da base monetária para o próprio reconhecimento do equivalente. É nesse sentido que conflitos e antagonismos eclodem em ambientes metropolitanos, muitos respaldados em questionamentos de fenômenos oriundos de esferas valorativas múltiplas, não exclusivamente econômicas. Como exemplo, o aparecimento de novas identidades encontra nas metrópoles sua área privilegiada: feminismo, minorias sexuais ou movimentos alternativos de toda ordem, num claro indício de que os temas da diversidade cultural ocupam espaço de manifestação e maior visibilidade em ambientes de grandes cidades. São dimensões sociais que atuam no espaço transnacional que ultrapassam fronteiras por espaços mais amplos de atuação social. Trata-se de um recorte presente em praticamente todos os estudos sobre a cultura global metropolitana; seria impossível imaginar as metrópoles atuais sem a multiplicidade de indivíduos, grupos, classes, tribos, nações, nacionalidades, culturas, etc.

Por outro lado, a concentração relativamente importante de população em áreas metropolitanas, em todos os continentes do planeta, vem se dando segundo lógicas heterogêneas que articulam processos locais/nacionais, com processos globais. A

existência de uma infra-estrutura de comunicação e a acessibilidade internacional são as condições maiores da manifestação e afirmação destas lógicas. Ao mesmo tempo, podemos nos perguntar se não seriam as atuais metrópoles as mediadoras culturais dessa nova relação tempo/espaço. A possibilidade de se utilizar do tempo real para tratar de fenômenos em diferentes territórios planetários a utilização do espaço virtual como instrumento para viabilizar essa possibilidade se sustenta num intenso processo técnico informacional de comunicação e de difusão de padrões culturais. Esse aspecto produz espaços metropolitanos diversificados e com disfuncionalidades peculiares. Vejamos:

IV

Metrópoles tendem, cada vez mais, a se consolidarem como pólos de atração, num esforço permanente de se tornarem acessíveis. Claro que o desafio é enorme: a disputa por investimentos entre elas gera uma nova lógica de concorrência, onde as políticas públicas metropolitanas são, muitas vezes, formuladas para atender expectativas de um mercado exógeno. Por outro lado, na busca por acesso à metropole, há a formação de comunidades urbanas – as famosas “tribos urbanas” dos anos 80 do século passado, agora enriquecidas pelas possibilidades oferecidas pela Internet. O espaço social metropolitano transforma-se num múltiplo social, composto por mundos que pouco interagem uns com os outros; o espaço se duplica com a virtualidade, o que faz a cidade mais urbana ainda nos termos de Wirth, para quem o anonimato, a densidade e a heterogeneidade são as características sociológicas do “urbano”¹³. Dessas três características, a primeira, o anonimato, é a que mais se consolida justamente em razão da elevada densidade e da difusão da Internet. No mundo virtual as características individuais se vêem livres do controle social, abrindo um leque de alternativas e de vivências identitárias heterogêneo e infinito¹⁴. Não seria desnecessário lembrar que a homogeneidade interna, nacional é, em essência, uma invenção do controle estatal que normatiza todas as espécies de prática social (produção, cultura, idioma, mercado de trabalho, educação, etc.) . Em outras palavras, há uma base territorial das práticas sociais definidas pela hegemonia de um Estado nacional. O aparecimento do território virtual onde a presença do Estado regulador ainda está por ser definida abre um novo espaço de praticas sociais no qual as regras de controle existentes têm dificuldades de se fazer valer.

Assim, o cenário informacional, domínio das comunicações virtuais, se, por um lado, fragiliza culturas locais, pelo poderio da cultura hegemônica oriunda dos países sede da lógica sistêmica, por outro, reforça o sentido do local e do nacional, na medida em que as diferenças tornam-se mais evidentes. Há sempre nessa coexistência tensa entre o local, o nacional e o global o perigo da folclorização das

características do lugar que também passam a compor a cesta de produtos oferecidos no comércio globalizado. A cultura que até recentemente aparecia como a esfera das identidades nacionais modifica-se na sua lógica de produção e difusão: assim como há lugares de geração de inovações tecnológicas, há também lugares de produção de padrões culturais, de estilos de vida, que se propagam rapidamente pelas diferentes sociedades. O indivíduo metropolitano, que se insere na lógica mundializada, ultrapassa, em qualquer das metrópoles planetárias, a experiência do estrangeiro. Domina os códigos, se comunica-se através da língua universal do momento – o inglês, consome produtos, serviços e marcas similares. As externalidades – isto é, as trocas fora do mercado – consolidam-se através de redes que impactam de forma decisiva as cidades, especialmente as metrópoles em seus processos de crescimento e transformação. As redes permitem aos indivíduos e às empresas identificar e estabelecer novas relações úteis e alargar o círculo dos parceiros possíveis. Estamos, portanto, falando de uma revolução cultural, mesmo que subterrânea, cujo núcleo de geração e difusão são as metrópoles. Retomemos rapidamente algumas das teses de Sassen. Para ela, as *globais cities* ocupam o lugar dos então complexos industrial-regionais e se inscrevem em uma nova forma de acumulação fundada nas finanças, na mundialização das atividades industriais e no desenvolvimento de serviços complexos, exigindo a disponibilidade de uma mão de obra diversificada, sobretudo nas metrópoles.

Para se aproveitar das vantagens nelas oferecidas, é então necessário não apenas o acesso à informação – o que implica se mover entre as redes existentes – mas, também controlá-la, o que significa deter uma competência que de forma nenhuma é de domínio amplo e geral. Aqueles grupos sociais mais capazes e que dispõem desse “capital” acessam os melhores empregos e os melhores rendimentos. Para eles, é possível a escolha do estilo de vida, o que lhes garante o acesso aos acúmulos de poder e prestígio que a metrópole oferece. Estamos longe dos padrões locais, comunitários de alcance de status e prestígio, de nossos clássicos; agora eles definem em escalas globais, rompendo com a perspectiva do local, por um lado, e da figura do estrangeiro, por outro. Os mecanismos do sistema de prestígio deixa de ser um sistema decodificável pelos padrões locais, portanto, não é mais um sistema, mas um labirinto de equívocos, em que as frustrações e as satisfações se sucedem de maneira imprevista, e o indivíduo, cujo amor-próprio é submetido a constantes flutuações, vive em permanente tensão e ansiedade¹⁵ (Wright Mills, 1969).

Como poderemos captar aspectos desse movimento? Talvez analisando algumas das características da chamada “classe média” dos serviços modernos (gestão, informática, comunicação, publicidade, moda, bolsa de valores, etc) que tem nas

metrópoles a sua visibilidade garantida. Sabemos que o padrão de vida destas elites urbanas internacionalizadas fascina literalmente as classes médias tradicionais. A impossibilidade de acesso ao mundo das novas elites gera, naqueles estratos médios tradicionais, de forma ambivalente, uma relação de amor e ódio. Elas procuram se aproveitar de todas as vantagens do sistema, no caso, as oferecidas pelas metrópoles, para atingir o padrão de vida da nova elite, mesmo esbarrando em obstáculos às vezes intransponíveis¹⁶.

A lógica objetiva de sua condição leva os *yuppies*¹⁷ a desenvolver duas espécies de expectativas. A primeira, proporcional aos capitais de que realmente dispõem. As aspirações ortodoxas, se é que se pode chamá-las assim, têm todas as chances de ser satisfeitas – o que tem por efeito reforçar a adesão a estilos de vida e alimentar o *consenso*. A segunda corresponde a aspirações heréticas, exorbitantes em relação aos capitais reais, têm toda a probabilidade de serem rejeitadas como sendo pretensões inaceitáveis – o que tem por efeito ativar a frustração e alimentar a *contestação*. Em geral, a contestação, às vezes expressa de forma violenta, é uma contestação *no* sistema, e não uma contestação *do* sistema. Onde o sucesso que encontram, junto a estes segmentos sociais, as diferentes variantes (de direita e de esquerda) do pensamento neo-reformista que procuram alternativas dentro da própria lógica sistêmica.

Estamos, portanto, num contexto sócio-cultural que advém da nova dinâmica espacial da economia globalizada. Essa situação de forma ambivalente, por um lado, exacerba o individualismo e, por outro, faz da esfera pública, do Estado propriamente dito, um interlocutor privilegiado. Ao mesmo tempo, há nesse ambiente de anonimato a necessidade de uma esfera de interlocução que se apresente “neutra”, acima de interesses de grupos específicos. Essa situação de extremo individualismo e de elevada dependência do agente coletivo estatal, politiza sobremaneira o espaço social metropolitano. Sem dúvida, estamos diante das áreas mais politizadas nas sociedades contemporâneas¹⁸.

Já nos referimos acima à possibilidade de desterritorialização dos agentes econômicos e da sociedade civil, tão bem tratadas nos trabalhos de Octávio Ianni sobre a sociedade global. Mesmo aqueles agentes que não circulam fisicamente ao nível global, também se desterritorializam, na medida em que inserem-se em processos políticos globais via redes no espaço virtual. Evidente que esta desterritorialização é sempre parcial, pois a base das operações, continua se originando de fontes tradicionais. Em nenhum momento se anula a figura do Estado: lembremos que falamos em sociedade global, mas não se pode esquecer que estas não estão politicamente organizadas, restando ao Estado nacional ainda um lugar importante na gestão e controle de diversas dimensões da vida social.

Entretanto, conforme discutimos antes, as dinâmicas globais metropolitanas produzem a emergência de novas elites cujos modos de vida, códigos culturais, relações com o território e valores podem estar em ruptura com valores tradicionais. Comungando de fortes valores individualistas, possuindo em geral elevada formação educacional, científica e cultural, as novas elites, se beneficiando da presença de capitais internacionais, adquirem gostos cosmopolitas, o que produz rupturas com a cultura local. Oriundas em geral das camadas médias, tais elites perdem a ligação com o lugar, se descolam do território, valorizando apenas aquilo que possa garantir o consumo de bens, grifes, objetos de arte, uma miscelânea daquilo que se reconhece como “alta cultura”.

V

Este “indivíduo triunfante”, nas palavras de Jaillet-Roman, sente-se perfeitamente adaptado à vida metropolitana; pois, capaz de circular em um mundo complexo e instável – na medida em que domina os mecanismos de decodificação do universo metropolitano – tende a se afastar daquele ideal tipo do indivíduo democrático que encarnava o cidadão de outras eras. O fato é que o universo metropolitano é um universo peculiar e pouco generoso: classifica os indivíduos, discrimina “perdedores” e “vencedores”. Estes últimos compõem necessariamente um segmento ultra local, com forte capacidade de definição a mobilidade social no espaço intra-metropolitano.

O resultado é que a sociedade metropolitana se organiza, prioritariamente, segundo uma lógica de “aproximação eletiva”, gerando arquipélagos urbanos onde o indivíduo sente-se em segurança e protegido daqueles que encarnam a potencial e ameaçadora experiência da alteridade. Portanto, além de um fenômeno econômico determinante, a metrópole também condensa processos de decomposição-recomposição da sociedade urbana, como nos ensina Ianni (s/ref.).

Com esta perspectiva de análise dos processos sócio-culturais, podemos argumentar que há uma tendência à homogeneização em algumas dimensões das metrópoles mundiais em todos os continentes. Há, de fato, a formação de elites transnacionais possuidoras de conhecimento e capacidade de gestão do sistema mais do que de capital econômico propriamente dito. Os capitais cultural e simbólico ocupam um lugar privilegiado na garantia de reprodução da lógica sistêmica, através de um *habitus* próprio que tem no espaço virtual seu principal instrumento.

Entretanto, esse processo não consegue ocultar o fato de que a sensação de “estar no mundo” vem acompanhada pela precariedade das condições materiais e imateriais de vida de parcelas importantes da população, ressaltadas em um espelho onde a imagem refletida é a de uma sombra alucinante, ou melhor. a imagem de

um Dorian Gray ao inverso. Metaforicamente, podemos dizer que a Chicago da virada do século XIX para o século XX hoje se reproduz em praticamente todas as metrópoles planetárias, com delinqüência, desvios, violência, processos de assimilação, etc. Com relação aos migrantes que se dirigem às metrópoles do Norte, entre os quais se incluem parcelas importantes da população de metrópoles do Sul, as teses da assimilação, tão caras aos pesquisadores de Chicago, têm sido substituídas por controle rígido da circulação do trabalho em face à livre circulação do capital.

Com relação às metrópoles do Sul, onde nos situamos, as disparidades econômicas vêm acompanhadas por precariedade social e de infra-estrutura urbana, geando mundos desconexos ou articulados de forma tênue, sustentado por um contrato social que articula os grupos de forma também precária. Ao lado da modernidade contemporânea observa-se a reprodução de relações arcaicas onde a informalidade, o clientelismo e o assistencialismo disputam áreas de influência como o crime organizado, o tráfico de drogas, as seitas religiosas, etc.

A apropriação do espaço físico da metropole pelos grupos beneficiários dessa dinâmica vai se dar através da ocupação de áreas da aglomeração ainda disponíveis, ou mesmo de áreas antigas, algumas populares, que passam por um processo de “gentrificação”, que contribui para reforçar a tendência à polarização social no interior da metrópole. As elites metropolitanas dispõem, em todas as grandes aglomerações, das melhores condições de reprodução social. Destaca-se também a alta proteção que recebem frente às tensões sociais e à insegurança, que se expandem em ambientes marcados por grandes desigualdades. Às vezes intensas, as relações com o espaço metropolitano podem se evaporar rapidamente, perdendo-se o sentido de uma memória urbana a ser cultivada¹⁹.

Em síntese, podemos considerar que as dinâmicas da metropolização sustentam-se em três evoluções paralelas:

- a mundialização da economia e das trocas
- a economia do conhecimento consolida-se como novo fator indispensável da acumulação;
- a rápida urbanização do planeta produz mudanças sociais nos espaços urbanos.

Recuperando reflexões de Ianni (s/ref.), quando se refere às sociedades globais, adequadas à reflexão das metrópoles deste século: “a sociedade global se constitui como o início de uma totalidade problemática, complexa e contraditória, aberta em movimento”. A complexidade da realidade metropolitana precisa ser enfatizada no sentido de valorizar esforços acadêmicos que decodifiquem a sua dinâmica para

melhor compreendermos os processos sociais em curso. Se a análise econômica está à frente na compreensão da globalização e seus impactos sobre o papel das cidades, as análises sociológicas estão ainda a exigir um esforço para contribuir nesse debate. Entendemos que os estudos sobre a cultura metropolitana podem ser um interessante recorte, na medida em que priorizem a ordem social e suas dinâmicas específicas. Evidente que é na síntese das diferentes dimensões (econômica, social e política) que o fato social total que são as metrópoles poderá ser decodificado.

Brasilmar Ferreira Nunes é sociólogo, professor doutor do departamento de sociologia da UnB e pesquisador do CNPq.

Notas

* Agradeço à leitura criteriosa da profa. Ana Clara Torres Ribeiro (IPPURUFRJ) que permitiu melhorar o texto. Claro que falhas e lacunas são de minha responsabilidade.

¹ Uma medida dessa importância múltipla pode ser deduzida de estatísticas que nos apontam que a produção de Tóquio é duas vezes a do Brasil, dez vezes a da Tailândia e próxima à da Grã-Bretanha; a de Chicago equivale à do México, etcVer por exemplo: Pierre Veltz: Mondialization, Villes et territoires. Une économie d' archipel, Paris, PUF, 1995

² Podemos dizer que é um processo econômico e social que estabelece uma integração entre os países e as pessoas do mundo todo. Através deste processo, as pessoas, os governos e as empresas trocam idéias, realizam transações financeiras e comerciais e espalham aspectos culturais pelos quatro cantos do planeta. <http://www.suapesquisa.com/globalizacao>

³ Ver por exemplo Claude Dubar: *La crise des identités*, PUF, 2000

⁴ Na excelente apresentação de textos selecionados de Weber, o sociólogo Gabriel Cohn (1997) argumenta que a análise histórica weberiana se sustenta numa tese fundamental: a de que há uma continuidade na passagem da Antiguidade ao mundo medieval, mas não há vínculos entre o processo examinado e o mundo contemporâneo, pois se trata de universos radicalmente heterogêneos.

⁵ A ambivalência é dada pela oposição entre a extrema modernidade (racionalidade) e as profundas desigualdades sociais convivendo em territórios comuns, de tal forma que lógicas temporais e espaciais com ritmos distintos coexistem de forma tensa.

⁶ Sassia Sasken: *Um novo coneito de nação* - Revista Ciência Hoje, vol. 39, n. 231, Outubro de 2006

⁷ “[...] o Império Romano produto de um único centro urbano de poder em expansão, foi em si mesmo uma vasta empresa construtora de cidades: deixou a marca de Roma em todas as partes da Europa, da África do Norte e da Ásia Menor, alterando o modo de vida em cidades antigas e estabelecendo seu tipo especial de ordem, a partir do chão, em centenas de novos alicerces, cidades ‘coloniais’, ‘cidades livres’, cidades sob a lei municipal romana, , cada qual com uma condição diferente, senão uma forma diferente” (Munford, 1998,227)

⁸ O resultado é que certos grupos sociais e certos indivíduos se sentem completamente à vontade em diferentes contextos metropolitanos, independente do padrão cultural local.

⁹ M.Halbwachs: “Gross Berlim: grande agglomeration ou grande ville” Annales d’histoire économique et sociale, Paris, VI, 1934

¹⁰ Marx (1998) quando decodifica a lógica da acumulação do capital chama atenção para o papel da técnica na geração do valor e insiste na importância para os capitalistas em se acessar rapidamente as inovações para obtenção de vantagens comparativas na lógica concorrencial entre os diferentes capitais. O que se observa na esfera do consumo é algo similar, com a especificidade de que nessa esfera os ganhos são por status e prestígio e não por lucro monetário.

¹¹ Simmel e Wirth são as referências principais para sustentar esse argumento. (Ver bibliografia)

¹² G. Simmel: A metrópole e a vida mental. In Velho ° *O fenômeno urbano* – Rio de Janeiro, Zahar Edit. 1974

¹³ Marc Guillaume: La nouvelle socialite des hypervilles. In “Ville.com” Paris, Ministère de la Recherche, Revista La Recherche, n.337, décembre 2000 supplément

¹⁴ A noção de identidade...”evoca a permanência no tempo de indivíduos que não cessam de se transformar afim de

tentar controlar sua existência...a identidade tem uma existência objetiva e subjetiva. A dialética da objetividade e da subjetividade assume formas diferentes segundo o nível de desenvolvimento das sociedades e os contextos cultural, político, religioso que fixam as normas de definição do indivíduo. (Vocabulaire de Psychosociologie, cf. bibliografia)

¹⁵ Wright Mills (1969) argumenta que o prestígio envolve pelo menos duas pessoas: uma para pretendê-lo e outra para atribuí-lo. De forma geral, as bases sobre as quais os indivíduos reivindicam prestígio e as razões pelas quais os outros o conferem incluem a propriedade e o nascimento, a ocupação e a instrução, a renda e o poder. No sistema de status de uma sociedade tais pretensões são organizadas segundo regras e expectativa que determinam a quem e por quem o prestígio é atribuído.

¹⁶ É interessante constatar que os mecanismos de mobilidade social não são nunca questionados pelo segmento mais tradicional da classe média. Daí a procura permanente para se adaptar aos novos padrões, mesmo se na essência continuam a permanecer nos mesmos estratos médios tradicionais da sociedade >

¹⁷ O termo vem do inglês “Young, Urban Persons” e se utilizava ainda na década de 1980 para nomear jovens executivos urbanos ligados a setores de ponta dos serviços terciários, nas metrópoles mundiais.

¹⁸ Sugiro a segunda parte de meu livro “Brasília: a fantasia corporificada” onde procuro analisar os vínculos sociais da classe média do funcionalismo público moradora do Plano Piloto de Brasília (cf. bibliog.)

¹⁹ As campanhas de marketing do tipo “I love New York” que se repete para diferentes metrópoles mundiais não deixa de ser uma tentativa de consolidar um apego afetivo a parcelas do territórios metropolitanos onde circula o segmento dos grupos sociais mundializados, tipo Manhattan, a zona sul do Rio de Janeiro ou a região dos Jardins em São Paulo.

Referências Bibliográficas

BAURUS-MICHEL, Jacquelin; ENRIQUEZ, Éugene et. Al. *Vocabulaire de Psychosociologie – Références et positions*. Ramonville Saint-Ange, Éditions Eres, 2002

CLAUDE, Dubar. *La crise des identités*, PUF, 2000.

COHN, Gabriel. Introdução in *Weber: coleção grandes cientistas sociais* – São Paulo, Edit. Ática, 1997

DURKHEIM, Émile: *A divisão do trabalho social*. São Paulo, Martins Fontes, 1977

IANNI, Octavio. *Globalização: novo paradigma das ciências sociais*. Anotações de palestra realizada no Depto de Sociologia da UnB em 2004. s/ref.

HALBWACHS, M. *Gross Berlin: grande agglomeration ou grande ville in Annales d'histoire économique et sociale*, Paris, VI, 1934

GUILLAUME, Marc. *La nouvelle socialité des hypervilles*. In “Ville.com” Paris, Ministère de la Recherche, Revista La Recherche, n.337, décembre 2000 supplément

HANNERZ, Ulf: Cosmopolitas e locais na cultura global – in Mike Featherstone (org.) *Cultura global, nacionalismo, globalização e modernidade* – Petrópolis, Vozes, 1994

Ministère Français de la Recherche: *Ville.com* (Magazine), Paris, Décembre, 2000 (supplément n.337)

MARX, Karl: *O Capital-crítica da economia política (Livro I, vol.1)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998

MAUSS, Marcel: *Sociologia e Antropologia – Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo, Cosac Naify, 2003

MEYER, Regina M. Prosperi: *O urbanismo entre a cidade e o território* – in Revista “Ciência e Cultura”, São Paulo, SBPC, Ano 58 – número 1 – Jan/Fev/Março 2006 – pg. 38 e seg.

MUNFORD, Lewis. *A cidade na história*. São Paulo, Martins Fontes, 1998

NUNES, Brasilmar Ferreira. *Brasília: a fantasia corporificada*. Brasília, Edit. Paralelo 15, 2003

PARK, Robert Ezra. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In Velho, O. (org.) “O fenômeno urbano”; Rio de Janeiro, Zahar Edit. 1979

VELTZ, Pierre. *Mondialization, Villes et territoires. Une économie d'archipel*, Paris, PUF, 1995

SASKEN, Sassia. *The Global Cities: New York, London, Tokyo* Princeton : Princeton University Press, 1991

SASKEN, Sassia. *Um novo conceito de nação* - Revista “Ciência Hoje”, vol. 39, n. 231, Outubro de 2006

RONCAYOLO, Marcel. *La ville et ses territoires*. Ed. Gallimard, Paris, 1993

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In *Velho ° O fenômeno urbano* – Rio de Janeiro, Zahar Edit. 1979

WEBER, Max. *As causas sociais do declínio da cultura antiga* in “Weber – Sociologia” Coleção Grandes Cientistas Sociais, 13 Cohn, G. (Org.) – São Paulo, Ática, 997.

WEBER, Max. *Classe, Status e Partido in Octavio Velho (org.): Estrutura de Classes e Estratificação Social* – Rio de Janeiro, Zahar Edit. 1974

WIRTH, Louis: *O urbanismo como modo de vida* – in Octávio Velho (og.): *O fenômeno urbano* – Rio de Janeiro, Zahar Edit. 1974.

WRIGHT MILLS, C.: *A nova classe média (white collar)*. Rio de Janeiro, Zahar Edit. 1969